

ESTRUTURAS ARGUMENTAIS EM KUIKÚRO (KARIB DO ALTO XINGU)

Bruna Franchetto

Mara Santos

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado de um exercício de análise de aspectos da estrutura morfológica dos verbos do Kuikuro, língua pertencente ao ramo meridional da família karib e falada por cerca de 400 pessoas que habitam duas aldeias situadas às margens do rio Culuene, formador oriental do rio Xingu, no Estado de Mato Grosso. Os fenômenos em foco são os processos de intransitivização e transitivização; trata-se de uma análise preliminar que está sendo testada e refinada a partir do processamento de um maior número de dados já coletados e nas próximas etapas do trabalho de campo. Os resultados desse estudo poderão contribuir para a investigação comparativa da morfologia derivacional ligada a mudanças da estrutura argumental ou mudanças de valência na família karib, sobretudo confrontando sistemas ergativos, como é o caso do Kuikuro, com os sistemas ativo-estativos das línguas do norte amazônico (vide Meira, 1999, p. 254-267).

Na primeira parte do trabalho apresentamos os dados, descrevendo os fenômenos morfológicos utilizados para produzir a alternância de transitividade e intransitividade. Na segunda parte procuramos explicar os processos que ocorrem na estrutura argumental dos verbos em Kuikuro à luz da proposta de Hale & Keyser (1998) sobre a estrutura argumental no léxico. Os fundamentos e a orientação se definiram ao longo da Conferência Internacional “A estrutura das Línguas Indígenas Brasileiras”, realizada em Petrópolis de 17 a 29 de março de 2000 com a presença do próprio Ken Hale, iniciativa do Setor de Linguística do Museu Nacional/UFRJ e apoiada pela Wenner-Gren Foundation.

I OS PROCESSOS DE ALTERAÇÃO DE VALÊNCIA EM KUIKURO

O Kuikúro, segundo Franchetto(1990), é uma língua ergativa do ponto de vista da tipologia morfossintática: os argumentos com papel temático de agente e na função sintática de sujeito de verbos transitivos apresentam-se ou prefixados a uma posposição, (*-beke*), quando pronomes, ou, quando nomes plenos, seguidos por ela. Esta manifestação morfológica tem sido tradicionalmente chamada de marca de caso ergativo. O agente de verbos transitivos é tratado diferentemente do objeto e do sujeito dos verbos intransitivos, que não recebem nenhuma marca morfológica; essa diferença se reitera também na ordem dos constituintes e o vínculo argumental e fonológico entre o verbo e os argumentos sujeito intransitivo e objeto transitivo.

Na língua Kuikuro encontramos uma estrutura morfológica da palavra verbal rica e complexa pelos processos de intransitivização e de transitivização, marcados através de afixos. Trata-se de processos que definiríamos como derivacionais, já que, alterando a valência do verbo, permitem a formação de verbos intransitivos a partir de verbos transitivos e vice versa. A língua utiliza dois afixos para realizar o processo de transitivização: os morfemas *-ne-* e *-ki-* ocorrem de acordo com suas exigências semânticas tendo uma distribuição complementar. O processo de intransitivização se dá com a afixação do morfema *e-* (antes de raízes iniciadas por consoante), *et-* (antes de raízes iniciadas por vogal, com suas alternantes *at-*, *ot-*, determinadas por harmonia vocálica).

I.1 PROCESSO DE TRANSITIVIZAÇÃO PELO AFIJO *-ne-*

Os verbos que se transitivizam com a sufixação de *-ne-* (em primeira posição após a raiz) pertencem à subclasse dos intransitivos (intransitivos inacusativos), cujo único argumento interno tem papel temático de tema/paciente. Esses verbos têm uma característica incoativa/reflexiva e incoativa/não reflexiva como observamos no conjunto de dados a seguir¹:

"tomar banho/banhar"	nakangu-	} incoativa/reflexiva
"sentar"	aka-	
"queimar-se"	atu-	
"adormecer/dormir"	üngü-	
"queimar"	uga-	} incoativa/não reflexiva
"morrer"	apingu-	
"crescer"	ahati-	
"afundar"	emü-	
"encher"	ale-	
"dançar"	angu-	

INT

1. u-muku-gu nakangu-nügü
1-filho-REL banhar-PONT
"meu filho tomou banho"

TRder.

u-muku-gu nakangu-ne-nügü u-heke
1-filho-REL banhar-TR-PONT 1-ERG
"eu dei banho no meu filho"

2. u-nakangu-nügü
1-banhar-PONT
"eu tomei banho"

i-nakangu-ne-tagü u-heke
3-banhar-TR-CONT 1-ERG
"eu estou dando banho nele"

O verbo *nakangu-* (tomar banho) é um verbo incoativo/reflexivo que ao sufixar o morfema transitivizador *-ne-* acrescentará um sujeito agente, marcado pela posposição *heke* (ERG).

"sentar" aka-

INT

3. ekise aka-nügü
ele sentar-PONT
"ele sentou"

TRder

t-umuku-gu aka-ne-nügü i-heke
REF-filho-REL sentar-TR-PONT 3-ERG
"ele fez sentar o seu filho"

4. *itão aka-nügü i-heke
mulher sentar-PONT 3-ERG

¹ Utilizamos para a transcrição dos dados Kuikuro a ortografia elaborada em função da alfabetização em língua indígena e da produção de materiais escritos para as escolas das aldeias. Os sons que não têm correspondentes em português são representados pelas letras que se seguem à direita: dj > j, ʀ > g, ɲ > nh, ŋ > ng, i > ü. As abreviações para as glosas da tradução interlinear são: BEM (Benefactivo), ERG (Ergativo), ASP (Aspecto), CONT (Aspecto Continuativo), INT (Intransitivizador), PERF (Perfectivo), PL (plural), PONT (Aspecto Pontual), REFL (Reflexivo), REL (Relacional), TR (Transitivizador), 1 (1a pessoa), 2 (2a pessoa), 3 (3a pessoa).

“*ele fez a mulber sentar*”

O exemplo 4 mostra a impossibilidade de se acrescentar um sujeito agente à um verbo intransitivo sem a sufixação do morfema transitivizador –ne-. A construção resulta agramatical.

"morrer" apüngu-	
INT	TRder
5. ekege apüngu	ekege apüngu-ne-nügü u-heke
onça morrerPONT	onça morrer-TR-PONT 1-ERG
" <i>a onça morreu</i> "	" <i>eu fiz a onça morrer</i> "
"queimar" uga-	
INT	TRder
6. itsuni uga-nügü	itsuni uga-ne-nügü u-heke
mato queimar-PONT	mato queimar-TR-PONT 1-ERG
" <i>o mato queimou</i> "	" <i>eu queimei o mato</i> "
7. pape uga-nügü	
papel queimar-PONT	
" <i>o papel queimou</i> "	
8. itão uga-nügü	
mulher queimar-PONT	
" <i>mulher queimou</i> "	
"queimar-se" atu-	
INT TRder	
9. kangamuke atu-lü	kangamuke atu-ne-nügü u-heke
criança queimar-PONT	criança queimar-TR-PONT-1ERG
" <i>a criança se queimou</i> "	" <i>eu fiz a criança se queimar</i> "

A língua tem disponível no seu léxico dois verbos com o sentido semântico para queimar (*uga-* com traço [-reflexivo] e *atu-* (queimar-se) com traço [+ reflexivo]).

I.2 Processo de transitivização pelo afixo *ki*²

O subgrupo de verbos transitivizados por –*ki*– é constituído por verbos “psicológicos”, com sujeito experienciador na versão intransitiva. Apesar de ser também transitivizador, o afixo –*ki*– se distingue de –*ne*– e sua distribuição é complementar: –*ne*– seleciona ou

² A forma sufixada –*ki* expressa também caso instrumental com nomes e pode assumir valor de verbalizador com o sentido de “(re)tirar de”: *agü-ki*, “com/por meio de sementes”; *katuga agü-ki-tagü uheke*, “eu estou tirando as sementes da mangaba”. Há uma compreensível relação semântica entre as duas construções; resta esclarecer se há uma extensão dessa semântica para o caso do *ki*-transitivizador ou se estamos diante de formas homófonas. Interessante é observar a existência da forma intransitivizada de *agüki*-, ou seja *at-agü-ki-tagü* significando “abrir-se (dito de fruta ou de vagem)”. Veja-se a seção I.3.

requer um agente [+humano] e um objeto paciente ou tema, enquanto *-ki-* não apresenta restrições quanto ao traço semântico [+humano] do “agente” e requer um objeto experienciador e um sujeito causa ou instrumento.

“ter vergonha” hüsü-
INT

TR der.

10. João hüsü-ntagü kuge-ko-inha João hüsü-ki-tsagü alamaki-pügü heke
J. vergonha-CONT gente(nós)-PL-BEN J. vergonha-TR-CONT cair-PERF ERG
"João tem vergonha de/diante de todos" J. tem vergonha porque caiu (a que da/o cair envergonhou J.)"

No processo de transitivização com o morfema *-ki-* o sujeito agente pode ser uma causa ou um instrumento, no exemplo acima “a queda/ o cair envergonhou João”, o agente da ação é uma causa (a queda/o cair).

11. u-hüsü leha
1-vergonha ASP
"fiquei com vergonha"

e-hüsü-ki-jü ekise heke
2-vergonha-TR-PONT ele ERG
"ele te envergonhou"

"pensar" ingunkgingu-
INT

TR der

12. u-ingunkgingu-tagü
1-pensar-CONT
"eu estou pensando"

itsasü heke ingunkgingu-ki-tsagü
3-trabalho-REL ERG pensar-TR-PONT
*"ele pensou sobre o seu trabalho/
o trabalho dele o fez pensar"*

Para uma melhor compreensão dessa lógica semântica específica da língua, podemos utilizar o quadro de traços formadores de papéis temáticos proposto por Reinhart durante colóquio no MIT em 1996:

	S	O	O	S
	agente	experienciador	tema/paciente	causa/instrumento
Causa mudança	+	-	-	+
Estado Mental	+	+	-	-

O quadro identifica os afixos com os papéis temáticos que eles selecionam como:

O morfema transitivizador *-ne-* seleciona um sujeito agente (+causa mudança; +estado mental) e um objeto tema/paciente (-causa mudança; - estado mental); o morfema transitivizador *-ki-* seleciona sujeito causa/instrumento (+causa mudança; -estado mental) e objeto experienciador(- causa mudança; +estado mental).

I.3 PROCESSO DE INTRANSITIVIZAÇÃO PELO AFIXO *e-*, *et-* (*at-*, *ot-*)³

Os verbos basicamente transitivos têm como versão intransitiva verbos da classe dos inacusativos com semântica incoativa (passar para o estado de) e uma morfologia reflexiva. O processo de intransitivização se dá através do acréscimo de prefixo, causando uma redução dos argumentos (o que era objeto da transitiva passa a ser sujeito na versão intransitiva). Esse mesmo processo ocorre na língua O'odham (Papago) que tem uma classe de verbos inacusativos que são derivados de verbos transitivos. Esse processo resulta em duas subclasse de verbos:

i) Verbos intransitivizados reflexivos:

"cuidar" inkguki-

TR

13. isi heke kangamuke inkguki-tagü
mãe ERG criança cuidar-CONT
"a mãe cuida da criança"

INT

et-inkguki-tagü
3/INT-cuidar-CONT
"ele cuida de se mesmo"

"cortar cabelos" agike-

TR

14. isi heke t-umuku-gu agike-nügü
mãe ERG REFL-filho-REL cortar/cabelo-PONT
PONT
"a mãe cortou os cabelos do seu filho"

INTR der.

at-agike-nügü

3/INT-cortar/cabelo-

"ele cortou os cabelos"

"perder" anhe-

TR

15. u-livro-sü anhe-nügü u-heke
1-livro-REL perder-PONT 1-ERG
"eu perdi meu livro"

INTder

u-livro-sü at-anhe-nügü

1-livro-REL 3/INT-perder-PONT

"o livro (se) perdeu"

ekise at-anhe-nügü

3p INT-perder-PONT

"ele se perdeu"

ii) verbos intransitivizados não-reflexivos (incoativos):

"abrir" ahumitsi-

TR

16. ahulu ahumitsi-lü i-heke
porta abrir-PONT 3-ERG
"ele abriu a porta"

INTder

ahulu at-ahumitsi-pügü

porta 3/INT-abrir-PERF

"a porta se abriu/está aberta"

³ Essas formas são cognatos evidentes dos prefixos intransitivizadores das línguas karib setentrionais. Em Tiriyo (Meira, 1999), criam-se, desse modo, duas classes de verbos intransitivos, ativos e inativos ou estativos, sendo que a grande maioria dos verbos intransitivos ativos são formas assim derivadas. Em Kuikuro, tendo apenas uma única série de prefixos pronominais (diferentemente das línguas karib setentrionais), o paradigma se reduziu a duas formas: *ut-* (1ª pessoa), *et-* (2ª e 3ª pessoa). Esta última, como dissemos, apresenta alternantes condicionadas por harmonia vocálica pela primeira vogal da raiz (*at-* diante de a, *ot-* diante de o).

17. ekise heke ahulu ahumitsi-lü
 ele ERG porta abrir-PONT
 "ele abriu a porta"
 ahulu at-ahumitsi-lü
 porta 3/INT-abrir-PONT
 "a porta se abriu"
- "quebrar (batendo com pau)", "rachar"
 TR
 18. ahukugu agugi-jü u-heke
 panela rachar-PONT
 "eu rachei a panela"
 agugi-
 INTder
 ahukugu at-agugi-jü
 panela 3/INT-rachar-PONT
 "a panela rachou"
- "apagar" unhe-
 TR
 19. ito unhe-nügü u-heke
 fogo apagar-PONT 1-ERG
 "eu apaguei o fogo"
 INTder.
 ito et-unhe-nügü
 fogo 3/INT-apagar-PONT
 "o fogo se apagou"

Neste processo de intransitivização através do afixo *et-* encontramos verbos intransitivizados derivados de um verbo transitivizado pelo morfema *-ne-* e *-ki-*. Nesse processo há algumas restrições quanto à semântica reflexiva dos verbos.

Verbos intransitivizados derivados de verbos transitivizados por *-ne-*:

- "encher"
 INT TR der.
 20. ahukugu ale-nügü
 panela encher-PONT
 "a panela encheu" (alguém encheu)
 ahukugu ale-ne-nügü itão heke (tungaki)
 panela encher-TR-PONT mulher ERG
 "a mulher encheu a panela (com água)"
 INT der.
21. ahukugu at-ale-ne-nügü
 panela 3/INT-encher-TR-PONT
 "a panela se encheu (sozinha)"

Os verbos com reflexividade inerente (e que podem ser transitivizados com *-ne-*) não admitem *et-* que carrega consigo uma morfologia reflexiva. Observamos essa restrição na construção abaixo:

22. *ekise at-aka-ne-nügü
 ele 3/INT-sentar-TR-PONT
 "ele se obrigou a sentar"

Já os verbos transitivizados com *-ki-* podem ser intransitivizados com o morfema *et-*

23. e-hüsu-ki-jü gele
 3/INT-vergonha-TR-PONT ainda

"*ele se envergonhou*"

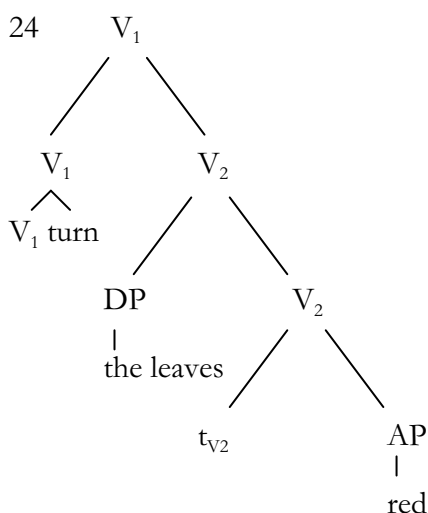
II A TEORIA DE HALE & KEYSER E OS DADOS KUIKURO

Hale & Keyser (1998), para explicar o comportamento das subclasses verbais (transitiva, intransitiva inacusativa, e intransitiva inergativa), exploraram as estruturas lexicais interna dos verbos, propondo uma teoria das “estruturas argumentais”. O termo é usado para referir-se à configuração sintática projetada por um item lexical. Hale & Keyser apresentam três configurações estruturais possíveis de serem encontradas nas línguas do mundo: as estruturas argumentais monádica, diádica composta e a diádica básica. Para os dados Kuikuro em exame são relevantes apenas duas destas estruturas, a diádica composta e a diádica básica.

Para uma explicação da ocorrência do processo de transitivização com a afixação dos morfemas *-ne/-ki-* adotamos a teoria de Hale & Keyser sobre configurações argumentais. Esse processo pode ser melhor visualizado na estrutura diádica composta, proposta pela teoria e cujas características mencionamos a seguir observando a configuração 24 do exemplo em inglês. Esta configuração tem as seguintes características:

- Caracteriza verbos inacusativos verdadeiros
- Possui dois argumentos (especificador /complemento)
- É basicamente verbal

Basicamente intransitiva, ela pode produzir, através de “conflation” (um tipo de incorporação zero, sem adição de morfema) uma estrutura transitiva, ao adicionar-se um V. Nesta estrutura, o DP “the leaves” está em posição interna à projeção lexical do verbo; na versão transitiva do verbo o DP “the leaves” será o objeto. O verbo diádico composto pode ser tomado como complemento por um verbo monádico que, atribuindo caso acusativo, numa configuração de Marcação de Caso Excepcional (ECM), gerará a transitivização do verbo na estrutura diádica composta.

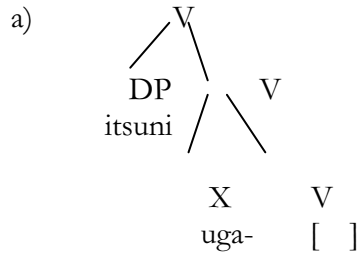


Intransitiva: The leaves turned red.

Transitiva: The cold turned the leaves red.

Voltando ao Kuikuro, temos as seguintes representações:

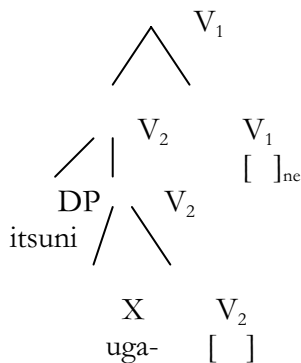
Com o verbo *uga-*, “queimar” (INT):



itsuni uganügu “o mato queimou”

A transitivização dar-se-à pela adição do morfema transitivizador *-ne-/-ke-*. O que motiva esta estrutura a projetar um DP especificador é a própria raiz verbal (para satisfazer seu caráter predicativo). O especificador é “irmã” imediata da primeira projeção do núcleo lexical; o núcleo lexical determina o rótulo do nó dominante. O DP *itsuni*, nesta estrutura, representa o sujeito do verbo intransitivo com papel temático de tema. A versão transitiva, com a afixação de *-ne-*, gera a forma *uga-ne-*.

b)



itsuni uga-ne-nügü uheke “eu queimei o mato”

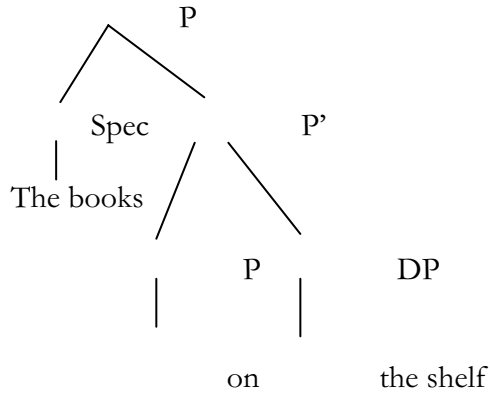
O objeto (*itsuni*) do verbo transitivo (*uga-ne-*) derivado de *uga-* (por meio de “conflação” e representado por V_1) se encontra na posição apropriada para receber caso. Assim, o que era sujeito na intransitiva passa a ser objeto na versão transitiva.

O processo de intransitivização com o afixo *e-*, *et-* pode ser representado com a estrutura diádica básica visualizada em 25 a partir de exemplos em inglês e com as seguintes características:

- Caracteriza verbos inacusativos derivados e verbos adposicionais (“location” e “locatum”)
- Nesta estrutura argumental um núcleo (P) projeta um especificador (DP)/complemento(DP)
- Caracteriza verbos locativos (engavetar, encurrular, embarcar) e verbos de coisas localizadas (locatum) (selar, salgar, esfarinhar, atapetar)

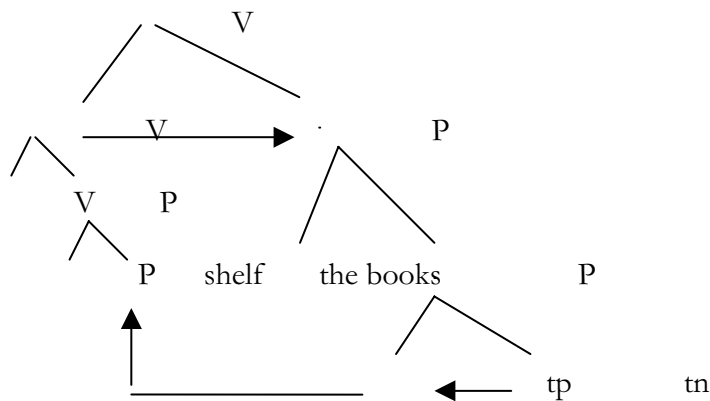
Esta estrutura tem como núcleo uma adposição que projeta dois argumentos como em (25). Para realizar-se como verbos, essas adposições devem fundir-se com um verbo leve que tome a projeção lexical da adposição como complemento como em (26).

25



O complemento(DP) é a única irmã do núcleo (P); o especificador (DP) é a única irmã de (P'). O processo se dá primeiro com a confluência entre as irmãs (P- núcleo e DP-complemento), depois entre V e P. Para se tornar transitiva, a estrutura (P) deve se tornar complemento de um verbo que assinale caso acusativo ao especificador.

26



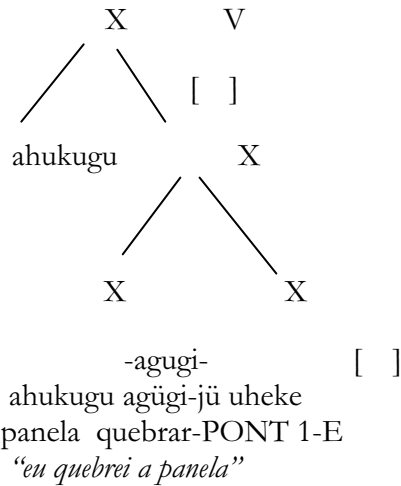
Ex: John shelved the books
*the book shelved

Observe-se que esta estrutura:

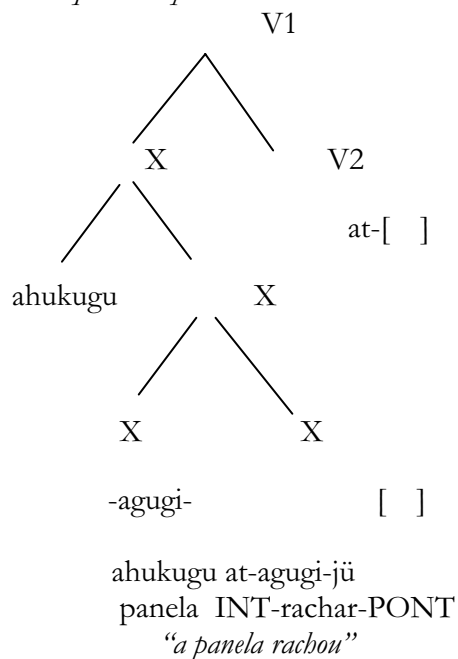
- Não permite a intransitivização automática
- É basicamente transitiva

Para se tornar intransitiva, essa estrutura terá que se tornar o complemento de um verbo que não atribui Caso acusativo (verbos na voz passiva, verbos de alçamento e verbos reflexivizados) o que fará com que o especificador suba para a posição de sujeito na sintaxe da frase, a fim de receber caso.

a)



b)



O processo de intransitivização se dá através do acréscimo de afixo, causando uma redução dos argumentos (o que era objeto da transitiva passa a ser sujeito na versão intransitiva). Em Kuikúro os verbos basicamente transitivos têm como versão intransitiva verbos da classe dos inacusativos com semântica incoativa (passar para o estado de) e uma morfologia reflexiva.

III Conclusões

Mostramos que os verbos resultantes de intransitivização podem ser distribuídos em dois campos semânticos, um caracterizado pela reflexividade (transparente ou prototípica), onde agente e paciente coincidem em termos de referência, outro pelo sentido incoativo, onde o paciente/objeto se torna paciente/sujeito. Em outras palavras, os verbos intransitivos derivados com semântica incoativa são todos de tipo inacusativo Percebe-se, em certos casos, como que um continuum ou zona fronteiriças entre tais áreas; este é, todavia, um tópico a ser ainda devidamente explorado. O exercício de análise através da proposta de Hale & Keyser permitiu formalizar as estruturas argumentais e suas “transformações”,

identificando de modo mais preciso suas características. No que concerne a transitivização, propomos uma interpretação dos diferentes afixos derivacionais em termos de traços semânticos. Tratamos, aqui, apenas de alguns dos processos – sem dúvida os mais produtivos – que expressam as alternâncias de transitividade/intransitividade em Kuikuro. A pesquisa em andamento pretende abranger todos esses processos, incluindo aqueles que a lexicalização já tornou opacos ou até irreconhecíveis. Trata-se de fatos morfológicos e sintáticos centrais não somente nessa língua, mas em toda a família karib.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCHETTO, B. Ergativity and Nominativity in Kuikuro and Other Carib Languages. In: Doris L. Payne (ed.), **Amazonian Linguistics**. Austin: Texas University Press, 1990, pp. 393-427.

HALE, K.; KEYSER, J. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In: HALE, K.; KEYSER J. (eds.), **The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge: The MIT Press, 1993.

_____. **On the Syntactic Projection of Predicate Argument Structure**. Ms, Cambridge, MIT, Department of Linguistics, 1998.

_____. **Conflation**. Ms, Cambridge, MIT, Department of Linguistics, 1999.

MEIRA, S. **A Grammar of Tiriyo**. PhD Thesis, Houston, Rice University, 1999.